

O narrador nômade em *Sete anos e um dia*, de Elvira Vigna

trauma, espaçamento e a origem de uma poética

Leda Cláudia da Silva (POSLIT/UnB)

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Maria Vasconcelos Leal

O ROMANCE

Sete anos e um dia (1987), romance de estreia de Elvira Vigna na ficção adulta, acompanha Pedro, Caloca, Catarina e Tânia entre 1978 e 1985, na casa inacabada construída por Caloca em Pendotiba. A pesquisa lê o romance como laboratório do narrador nômade, entendido não como uma pessoa, mas como um lugar que se desloca entre vozes, focalizações e graus de incerteza.



O PROBLEMA DA TESE

Em que medida o narrador nômade afirma, na arte, a presença do contemporâneo? A pesquisa investiga essa questão a partir de três operadores — **narrador nômade**, **trauma** e **espaçamento** —, tomando *Sete anos e um dia* como laboratório inaugural de um corpus de dez romances.

NARRADOR NÔMADE

Alternância entre 1ª e 3ª; deslizamento de proximidade por discurso indireto livre (DIL) entre os quatro amigos.

"O narrador dos meus livros não é uma pessoa exatamente (...). É um lugar."
(Vigna, 2016)

TRAUMA

Desnarrado mais longamente sustentado do livro: a 1ª prisão de Pedro, recusada à narração desde o início do romance.

"Como qualquer trauma, não cabe na linguagem." (Vigna, 2016)

ESPAÇAMENTO

Pedro narra de Wappingers Falls, EUA, 1985 — distância que viabiliza as condições de narrar.

"A exata distância do que irá narrar — e de mim" (Vigna, 2011)

O MÉTODO

O romance como laboratório: a análise desloca a pergunta de "quem conta?" para "de onde se conta?". Tendo em vista a poética declarada de Elvira Vigna, a pesquisa entende o narrador como um lugar e investiga como proximidade e distância estruturam a narração.

O ACHADO CENTRAL

O romance alterna seções em primeira pessoa, narradas por Pedro, e blocos em terceira pessoa sem foco fixo. Por meio do discurso indireto livre, a narrativa desliza entre os quatro amigos e produz um narrador móvel. Em alguns momentos, um "eu" emerge dentro da terceira pessoa, revelando uma forma instável de narrar que constitui o narrador nômade.

FOCO NARRATIVO

Pedro (1ª pessoa)



3ª pessoa



Discurso indireto

livre



Deslizamento entre

vozes



Narrador nômade

TRAUMA

A primeira prisão de Pedro constitui o desnarrado central do romance.

O trauma pessoal funde-se ao trauma coletivo da ditadura, aproximando luto privado e memória nacional. A forma instável da narrativa é a resposta de Vigna ao que, para ela, não cabe na linguagem.

ESPAÇAMENTO

Vagar → nômade

Sem passado → trauma

Buscando o futuro → espaçamento

A ORIGEM DE UMA POÉTICA

Sete anos e um dia antecipa conceitos que Elvira Vigna só formularia explicitamente décadas depois.

Os três operadores — narrador nômade, trauma e espaçamento — já se articulam no romance, validando o método para a leitura dos demais romances do corpus.

REFERÊNCIAS

- BRAIDOTTI, R. "Diferença, diversidade e subjetividade nômade". *Labrys*, n. 1-2, 2002.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.
- JULLIEN, F. *L'écart et l'entre*. Paris: Galilée, 2012.
- PRINCE, G. "The Disnarrated". *Style*, v. 22, n. 1, 1988.
- VIGNA, E. *Sete anos e um dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.
- VIGNA, E. *Em busca de um narrador*, 2011.
- VIGNA, E. *O vão entre o trem e a plataforma*, 2016.

Realização



Apoio

